

Ensinar a ver, ensinar a gostar

Lucia Teixeira¹

¹Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus do Gragoatá, São Domingos, CEP 24210-200, Niterói – RJ – Brasil

luciat@bn.microlink.com.br

Abstract: *The paper proposes a reflection on Arts teaching, with particular emphasis on the teaching of painting, in textbooks, through a semiotic perspective about education and schooling. For school to "make sense", it is necessary to articulate the sensitive with the intelligible so that the rhythm of our looking at the world account for both surprise and awe.*

Key words: *semiotic analysis, Arts Teaching; textbooks.*

Resumo: *O texto propõe uma reflexão sobre o ensino de arte, especialmente de pintura, nos livros didáticos, por meio de um pensamento semiótico sobre a escola. Para que a escola "faça sentido" é necessário articular o sensível e o inteligível e permitir que o ritmo do olhar sobre o mundo seja capaz de acolher a surpresa e o deslumbramento.*

Palavras-chave: *análise semiótica; ensino da arte; livro didático.*

Para falar sobre o tratamento dado ao ensino de arte no livro didático, gostaria inicialmente de comentar um filme nacional recém-lançado, porque é uma obra que gira em torno de um conflito muito conhecido nosso: o que é mais importante, fazer uma fossa de tratamento de esgoto ou fazer um filme?

Essa é a questão de *Saneamento básico – o filme*. Não simplifico a força do filme ao dizer que gira em torno desse conflito, porque o conflito não é simples e traz, nele mesmo, muitos outros. Por outro lado, partir de um filme que opera a partir de uma oposição entre *dever* e *querer* tão bem explicitados serviria bem de introdução à análise de um semioticista, sempre atento a contradições, contrariedades, oposições.

No entanto, todo semioticista esperto, hoje, sabe que não pode reduzir suas leituras a oposições estanques, a quadrados estáticos. É preciso, a partir de *Da imperfeição*, considerar gradações, movimentos, intensidades.

Estou então situando esta comunicação no âmbito da semiótica e não no âmbito da pedagogia; no território da interpretação e não no das normas didáticas; no patamar mais escorregadio das intensidades e não no andaime seguro das categorizações opositivas.

Por tudo isso, começar pelo filme pode ser bastante rendoso. Na comunidade de Linha Cristal, na serra gaúcha, um grupo de moradores dirige-se à prefeitura para pleitear a construção de uma fossa de tratamento do esgoto local, despejado diretamente no riacho que banha a pequena vila. Recebidos pela secretária da prefeitura, ouvem a resposta de que "não há verbas" para isso. Em contrapartida, a secretária informa que há uma verba de 10 mil reais do governo federal para a realização de um vídeo. Sugere

então aos moradores que façam o filme e usem o dinheiro para abrir a fossa. Eles terão que, no entanto, entregar pronto o roteiro do curta, para o dinheiro ser liberado. Convencidos pela secretária de que “dinheiro de Brasília não se devolve”, os moradores começam a pesquisa sobre o que significam coisas tão distantes de sua realidade como “roteiro”; “custos de edição”; “ficção” etc. Não vou aqui me alongar no filme, que é ótimo e merece ser visto; o que me interessa nesse momento é estender um pouco a discussão sobre o que é essencial para a vida de todos nós: um filme ou uma fossa?

E por que me aproveito dessa questão? Porque vivemos, em nossas escolas públicas, dilemas muito semelhantes. A professora ameaçada pelo aluno envolvido no tráfico, o menino que dorme durante a aula porque tem fome, a criança cheia de feridas, por causa da vala que corre no fundo do barraco – quem aqui, trabalhando em escola pública, já não viveu situação parecida? E quem aqui já não pensou, diante de tudo isso: para que ensinar literatura? Para que ensinar a ler uma pintura?

No filme, o que acontece é muito significativo e pode nos ajudar a compreender que nos equivocamos se, em algum momento, pensamos no caráter secundário daquilo que ensinamos. Os moradores de Linha Cristal, liderados por Marina, a maravilhosa personagem de Fernanda Torres, se envolvem de tal modo na realização do vídeo que encontram novo sentido para suas vidas, antes paradas e turvas como as águas do riacho que precisava de saneamento. Mais que isso, no entanto, eles aprendem que seu amorismo não deveria prejudicar as filmagens e uma frase se repete na boca dos personagens e vira slogan estampado no cartaz do filme: “Se é para fazer, melhor fazer bem feito”.

Mais, portanto, que encontrar um caráter salvador na arte, eles percebem que a tensão do dever pode ser relaxada pela distensão do querer. E compreendem que “fazer bem feito” dá prazer, além de reconhecimento, amor e boas risadas.

Pulo de Jorge Furtado para Paul Valéry e sua reflexão sobre a “ação de desmedida” que ocorre quando uma obra é capaz de “comover, surpreender, deslumbrar ou desconcertar o espírito do Outro” (VALÈRY, 1991, p.192). Posso então articular o filme de Furtado, o pensamento de Valéry e a postulação de Greimas a respeito do estado de estesia que toma conta do sujeito diante do objeto estético.

É daqui que parto, então, para falar do ensino de artes na escola, especialmente sobre o ensino da apreciação da pintura. Não se trata de aula de Educação Artística nem de aula prática de técnicas de pintura, mas da entrada, nas aulas de Língua Portuguesa, de textos não só de diversos tipos e gêneros, mas de textos de diferentes materialidades. Mais ainda, trata-se de falar disso em relação ao trabalho que pode ser desenvolvido no livro didático e falo então não só como semioticista, mas como autora de livros didáticos, sempre em parceria com Norma Discini. Relato aqui não só a experiência com a coleção *Leitura do mundo*, lançada em 2000, mas também o refinamento que essa experiência sofreu com a elaboração da nova coleção, *Passaporte para a língua portuguesa*, em processo final de edição, ambas as coleções, destinadas ao segundo segmento do ensino fundamental, editadas pela Editora do Brasil. Não falo dessas experiências considerando-as exemplares, mas tão somente considerando-as as minhas experiências, aquilo de que posso falar.

Começamos então pela constatação de que os alunos, em geral, não conhecem nada de pintura, provavelmente nunca foram a uma exposição ou um concerto e talvez a reprodução da Santa Ceia de Da Vinci na parede de casa seja a única referência que

tenham à arte, ainda assim sem associá-la ao valor estético, mas à função religiosa. Digamos que o aluno tenha uma situação econômica favorável e disponha em casa de computador conectado à Internet. Nesse caso também nada garante que seu conhecimento de arte vá além da versão açucarada dos clássicos em trilhas sonoras da Disney nem que sua ligação com museus supere a obsessão pelas conversas no MSN ou as respostas às mensagens no Orkut.

Seria então necessário contar com a possibilidade de que a escola, ao atuar para elevar o nível de aspiração dos alunos, fosse capaz de formar-lhes o gosto, ou o bom gosto, aquele que de distinção vira regra e de privilégio de uns passa a frustração ou rebaixamento de outros.

É preciso considerar que o gosto é também o que se expressa como juízo e o juízo do gosto é tanto terminativo quanto subjetivo (Marsciani, 1997). Um juízo como “É bonito!” delimita o espaço de uma subjetividade, porque rejeita a dúvida que, mais que a recusa do objeto, implica na rejeição do sujeito.

O juízo do gosto é também seletivo e costuma dividir a sociedade em classes em função de seus hábitos e preferências. É mais cultivado o espírito que aprecia João Gilberto que aquele que se delicia com Zezé de Camargo, é mais cult aquele que cita a última obra da última vanguarda que o erudito que conta a história do surgimento do impressionismo, é mais descolado quem curte videoarte que aquele indivíduo pré-histórico que prefere telas penduradas nas paredes.

O gosto, em semiótica, vem sendo discutido como um valor que afirma uma diferença, uma descontinuidade em relação a uma continuidade – e me sirvo aqui do artigo de Fiorin publicado no livro *O gosto das gentes, o gosto das coisas* (1997). Prefiro retratos a paisagens, pintura renascentista à arte pop, Van Gogh a Jackson Pollock. É assim mesmo, associando grandezas muitas vezes incompatíveis que age o gosto médio. A preferência é passional e incapaz de perceber o universo discursivo que a envolve. Ainda segundo Fiorin, o gosto é regido pelo princípio da gratuidade e seu sentido radica no corpo.

Ora, se o gosto está naquilo que se afasta do dever, como pode a escola formar o gosto, se tudo nela se volta exatamente para o campo da obrigação, da coerção, da padronização? E se o gosto liga-se à percepção do mundo sensível e ao movimento que faz o corpo girar e pender em certa direção e não em outra, como pode um discurso modalizado pela certeza, como é o da escola, abrir-se para o que é vago ou incerto?

Proponho aqui um pensamento semiótico sobre a escola, determinando um modo de agir semiótico radical: fazer com que a escola *faça sentido*. Para fazer *fazer sentido* será preciso articular o mundo sensível ao inteligível, acolher a disposição do corpo e a diferença de ritmos do pensamento e da ação, estimular a inteligência e sensibilizar os gestos.

Há uma malha discursiva pulsando e sustentando as ações da escola e dos sujeitos que interagem em seu espaço. Nessa malha, os lugares-comuns têm lugar confortável e repelem a dúvida, a polêmica, o desconcerto que pode desestabilizar crenças e regras. Pois é justamente aí, na brecha e na ruptura, que se pode intervir semioticamente: acolhendo o sentido que escapa e incorporando o corpo que adormece nas carteiras duras e aborrecidas da sala de aula.

Susan Sontag, em seu livro *Contra a interpretação*, conclui o artigo de abertura com uma espécie de conclamação: “Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte” (SONTAG, 1987, p.23). Temos aqui um bom ponto de partida. Rejeitando a interpretação do conteúdo, que esvazia a obra por preenchê-la do que ela não é – ou não é apenas – a pensadora norte-americana propõe que se revele a superfície sensual da arte, aquilo que chama de *forma*. E alerta: “o que importa agora é recuperarmos nossos sentidos. Devemos aprender a *ver* mais, *ouvir* mais, *sentir* mais” (SONTAG, 1987, p.23). Paul Valéry, menos incisivo mas não menos insatisfeito com o trabalho acadêmico da interpretação, questiona: “O que é feito do que se observa imediatamente em um texto, das sensações que ele está destinado a produzir?” (VALÈRY, 1991, p.183)

A pergunta do poeta me dá a deixa para a segunda entrada da semiótica neste texto, agora para apresentar-se como a teoria que me oferece, no atual estágio de suas pesquisas, um instrumental competente para a análise de textos em que a função estética seja privilegiada. Mais especialmente, volto-me agora para a possibilidade de leitura da pintura, pensando-a na relação necessária que a contemplação do que é visível cria com a linguagem verbal. Volto por um instante a Valéry, para me apropriar de alguma coisa que diz ao jovem poeta:

...só compreendemos os outros, (...) só compreendemos a nós mesmos, graças à *velocidade de nossa passagem pelas palavras*. Não se deve de forma alguma oprimi-las, sob risco de ver o discurso mais claro decompor-se em enigmas, em ilusões mais ou menos eruditas. (VALÈRY, 1991, p.203)

Não se pode passar apressadamente pela palavra poética. Nem pela pintura.

A formulação me lembra outra, desta vez de um semioticista, Jean-Marie Floch. Na introdução do livro *Une lecture de Tintin au Tibet*, em que analisa a HQ do famoso personagem belga, explica seu método de leitura, fundamentalmente baseado na observação continuada: “observar e observar mais uma vez, sempre que se dispuser de um momento livre, no táxi, no trem, no avião”. Em todos os lugares, em qualquer situação, enquanto preparava sua análise, ele tinha diante dos olhos o Tintim. Considerava a observação não só um método indispensável, mas um ato de resistência. Fixar-se num objeto, para apreciá-lo e estudá-lo, é uma forma de alhear-se do acessório e da dispersão proposta pela “torrente de imagens” dos apelos visuais do mundo (FLOCH, 2002, p.4).

É desse ato de resistência que a escola precisa falar aos alunos, é de calma, paciência, minúcia, contemplação e tempo de percepção que os alunos precisam, num primeiro momento. Em seguida, de método.

Em exercícios propostos a alunos do primeiro segmento do ensino médio em livros didáticos, tenho procurado partir da descrição do que está dado na tela (Quem são as personagens? Que paisagem se apresenta? Que objetos aparecem? Ou, em pinturas abstratas: que cores foram escolhidas? Que formas geométricas podem ser reconhecidas? etc), para, em seguida, operar com oposições cromáticas, eidéticas e topológicas, como recomenda a semiótica plástica para a análise do plano da expressão de textos visuais. A correspondência entre categorias do plano da expressão e do plano do conteúdo é a

terceira etapa. Cada uma dessas explorações impõe vários momentos. Garante-se, com a adesão a uma teoria, um caminho a seguir nas análises, não uma fôrma, um modelo a seguir, mas um percurso do olhar dado por uma orientação metodológica.

Gostaria de concluir reafirmando por que considero relevante que a escola ensine a apreciar a pintura. Em primeiro lugar, porque estamos todos cercados de imagens e de lembranças de imagens que se colam a nossa imaginação e constroem uma concretude visual para o mundo que tanto pode nos afetar pelo excesso quanto pela indiferença, ambas as possibilidades configurando-se como ausência de sentido. Para que não nos escape essa visibilidade do mundo configurada como sentido é preciso deixar o olho correr solto, o corpo mover-se em muitas direções, o tato perceber diferentes asperezas e suavidades. De modo que seja possível ser tocada por uma cor e permitir que o olho volte à cor, sorva a cor, experimente-a como prazer e absorva-a como experiência que se tornará memória e discurso. O ritmo da contemplação terá de resistir à velocidade da caminhada.

Em segundo lugar, observar a pintura é aprender um novo modo de habitar o mundo verbal que nos faz existir socialmente. Aprender a examinar uma forma em sua especial função topológica ou um contraste entre luz e sombra como um recurso para permitir ou impedir a entrada de meu olho numa cena – eis aí duas formas novas de habitar o mundo, de inquietar-se com o mundo.

Trata-se de aprender a olhar de muitos modos, mesmo de olhos semi-cerrados, mesmo com os olhos desviados do mundo visível e voltados para a coleção de sonhos e imagens que, dentro de nós, juntam fragmentos e constroem narrativas para a visibilidade do mundo. Pois se a visão depende do movimento, como queria Merleau-Ponty, a imersão é também um gesto do corpo, um adentrar em mim – reverso e condição da saída de mim.

A pintura, a música, a poesia são essas linguagens do pouco uso, que podem afetar a presença do homem no mundo. Jorge Furtado, em entrevista sobre o filme de que falei no início, respondia à pergunta “Cinema é básico?” com a seguinte verdade: “Cinema é básico total”. Pois é isso, meus amigos, espero ter-lhes falado um pouco desse “básico total” que é a pintura, a apreciação da pintura, o ensino da apreciação da pintura, o papel do livro didático no ensino da apreciação da pintura.

Referências bibliográficas

FIORIN, José Luiz. De gustibus non est disputandum? Para uma definição semiótica do gosto. In: LANDOWSKI, Eric; FIORIN, José Luiz (eds.). *O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EdUC, 1997.

FLOCH, Jean-Marie. *Une lecture de Tintin au Tibet*. Paris: PUF, 1997.

LANDOWSKI, Eric. Gosto se discute. In: LANDOWSKI, Eric; FIORIN, José Luiz (eds.). *O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EdUC, 1997.

MARSCIANI, Francesco. “Também é bonito! Sobre o aspecto terminativo do juízo do gosto. In: LANDOWSKI, Eric; FIORIN, José Luiz (eds.). *O gosto da gente, o gosto das coisas: abordagem semiótica*. São Paulo: EdUC, 1997.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

VALÈRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

Sites da Internet consultados

<http://www.casacinepoa.com.br/saneamen/saneamen.htm>. Acesso em: 23 jul. 2007.

<http://www.omelete.com.br/Conteudo.aspx?id=100006855&secao=cine>. Acesso em: 23 jul. 2007.

<http://www.asala.com.br/?p=216>. Acesso em: 23 jul. 2007.

<http://www.cineplayers.com/critica.php?id=1058>. Acesso em 25 jul. 2007.